

- E ele, coronel, isto é, o espírito, estava presente?
 - Estava sim. Presente e desperto. Lá o deixei, sentindo os horrores daquela sufocação...
 - Mas, e Deus, coronel? Onde estava Deus que não se compadeceu do pecador arrependido?
- Cantidiano me olhou, como se estivesse interrogando a si mesmo, declarando por fim:
- Homem, sei lá!... Eu acredito que Deus tenha criado o mundo, mas eu acho que a Terra ficou mesmo sob a administração do Diabo. – HUMBERTO DE CAMPOS.

O “F.”

Atendendo a um pedido de Chico Xavier, substituímos, na mensagem acima, o sobrenome do “Dr. Antonio” pela letra “F”.

Ao nos fazer esse pedido, ele o justificou assim: pessoas daqui, que leram essas páginas, pouco depois de serem elas psicografadas, dizem saber da existência, em Minas e São Paulo, de famílias com o sobrenome que apareceu na mensagem.

Dado o fato na mesma narrado, compreendem-se o escrúpulo e a delicadeza do “médium” em pedir a supressão que nos apressamos a fazer.

A repercussão em Minas

BELO HORIZONTE, 10 (Especial para O GLOBO) – Têm tido grande repercussão na capital as reportagens feitas pelo enviado especial do GLOBO em Pedro Leopoldo sobre as mensagens vindas do além-túmulo. As edições se esgotam, sendo as mensagens comentadas em todas as rodas. A respeito da realidade das cartas psicografadas por Chico Xavier o vespertino “Diário da Tarde” ouviu, hoje, o Sr. Raul Henriot, autoridade espírita nesta capital, que declarou:

– Ando a par dos trabalhos de Chico Xavier, a quem conheço pessoalmente e cujo poder mediúnico a ninguém é lícito negar. De fato, trata-se de um fenômeno nitidamente espírita. São reais e inofismáveis as mensagens recebidas de além-túmulo por Xavier, não se podendo pôr a menor dúvida em que elas partam daquelas eminentes figuras já falecidas. O mesmo braço que psicografou aquelas produções deixou abaixo delas a assinatura de seus autores. Foi Humberto de Campos quem transmitiu a Chico Xavier os seus novos trabalhos no mundo espiritual. Aliás é fácil, pelo conhecimento do estilo, reconhecer a identidade do autor.

11

CHICO XAVIER ESTÁ ASSOMBRADO... COM OS VIVOS!

PEDRO LEOPOLDO, 10 de maio – (Especial para O GLOBO, por Clementino de Alencar) – Motivos particulares e imperiosos nos haviam levado de volta ao Rio, nos últimos dias de abril. Assim, tivemos de abandonar, por pouco mais de uma semana, o círculo sedutor e impressionante dos fatos e revelações em torno dos quais desdobramos – tanto quanto possível com a atenta e silenciosa isenção dos espelhos – as nossas reportagens anteriores.

Não déramos, porém, o assunto como encerrado. Pelo contrário, mais do que nunca se nos apresentava ele tentador e extenso diante dos nossos olhos e das nossas indagações – como uma perspectiva de incógnitas que se perdesse ao longe, nas brumas. E, dominados os motivos que nos haviam arredado, momentaneamente, de Pedro Leopoldo, eis que o repórter e o fotógrafo, retomam o rumo do planalto altivo, da velha Minas tradicional, heróica e serena que nos reafirma e adverte, no bronze e no granito de seus monumentos:

– Montani semper liberi.

Agora sim

De novo, pois, se rasgaram aos nossos olhos, os horizontes da tradição e da legenda. De novo o Ribeirão da Mata, o Rio das Velhas, a Santa Luzia, na sucessão infinidável das colinas coroadas dos coqueiros que ficaram do século XVII – o rústico mas seguro balisamento da marcha das bandeiras.

E agora sim, ao contrário da outra vez, nós encontramos em Pedro Leopoldo, apenas saltamos, a mais amável e tocante das recepções: o sorriso da menina do café.

Depois, a outra menina, a cidade, sempre bonita e simpática, nos reconhece e nos sorri também.

E não tarda que, diante da mesa concorrida e farta do Hotel Diniz, reencontremos o mesmo ambiente de expansiva e grata hospitalidade que já nos seduzira da outra vez. E nem faltam ali – para a sensação de que os dias não passavam – os “casos de assombração” e as anedotas da fulaninha...

A inundação

A par dessa sensação de reencontro amável, uma constante se vai impondo às nossas observações: o assunto “Chico Xavier” transbordou, irreprimivelmente, do leito já largo por onde corria quando demos com ele, da primeira vez, e nos pusemos a lhe acompanhar o curso. Agora, encontramos a inundação, lavando a campanha, o sertão. Nem a capital escapou de todo. Apenas as crianças, a torrente ainda não pode colher; para estas, por enquanto, só há, ao que parece, uma coisa que as preocupa deste e do outro mundo: as figurinhas das balas de açúcar, a mania que agita e absorve o mundo liliputiano da região.

A primeira novidade

A primeira novidade que encontramos, apenas desembarcamos, é a presença aqui de mais um “médium”, o Sr. José Ribeiro Sobrinho.

Enquadrado, por sua qualidade, dentro do assunto que mais anima as palestras, o Sr. Ribeiro Sobrinho também chama um pouco as atenções.

É “médium” de incorporação e vidente. Sua presença, aqui, prende-se, ao que parece, à repercussão do caso Chico Xavier. E a sua presença, para o repórter, desperta desde logo interesse, pelo seguinte: ele quer comparecer à primeira sessão dos irmãos Xavier, o que aguça, sobremodo, as expectativas...

No balcão

Fomos encontrar Chico Xavier, à tarde, no seu posto de costume: o balcão de “seu” Zé Felizardo.

O rapaz está assombrado... Não com os mortos, mas com os vivos. Inquieta-o, na sua humildade, o receio de que o façam “importante”.

Fala quase como quem suplica:

– Eu tenho medo dessas notícias... Faço a minha religião no silêncio...

cio... Poderia parecer aos meus amigos e companheiros de crença que eu quero publicidade... Preferia ficar obscuro, desconhecido... Deus é testemunha de que eu vivo sem interesses materiais.

Depois deste exórdio com que costuma receber o repórter, e da sua esquivança à objetiva – “Ora, eu estou todo despenteado...” – Chico Xavier vai admitindo, aos poucos, a pergunta e a confidência.

Assim, revela-nos que, depois da sessão de 24 de abril, adoeceu ligeiramente, atribuindo isso ao esforço despendido naquela reunião, para psicografar as mensagens – que já publicamos – apesar das perturbações que a assistência, agitando-se um pouco, produzira na “corrente”.

Restabeleceu-se, porém, rapidamente, e está pronto a continuar a exercer sua missão de médium.

Aliás, a 28 de abril, Chico Xavier já teve um dos seus “transes” solitários e colheu então uma curiosa mensagem de que nos ocuparemos a seguir, com um cuidado muito especial, porque ela nos diz respeito...

O Homem e o Espírito

Da produção colhida durante esse “transe” limitar-nos-emos a enviar hoje dois sonetos de Augusto dos Anjos.

Um deles intitula-se “Espírito” e apresenta-se bem grafado, bem ordenado.

É este:

ESPÍRITO

*Busca a Ciência o Ser pelos ossuários,
No órgão morto, impassível, atro e mudo;
No labor anatômico, no estudo
Do germe, em seus impulsos embrionários;*

*Mas só encontra os vermes-funcionários
No seu trabalho infame, horrendo e rudo,
De consumir as podridões de tudo,
Nos seus medonhos ágapes mortuários.*

*No meio triste de cadaverinas
Acha-se apenas ruína sobre ruínas,
Como o bolor e o mofo sob as heras;*

*A alma que é Vibração, Vida e Essência,
Está nas luzes da sobrevivência,
No transcendentalismo das esferas.*

O outro soneto intitula-se “Homem”. E quanto a esse, fizemos uma observação interessante: a certa altura, na segunda quadra, as palavras, os versos, sob os imperativos da métrica de tal forma se enredam, que o sentido se torna um tanto confuso. O médium reconhece isso. A nós, parece também que o verso “Faz-se mister de lágrimas que o domem” contém um erro vulgar de concordância e um “de” a mais.

Sem indicarmos o ponto que nos parecia errado e admitindo, com o “médium”, que o sentido da quadra apresentava um tanto confuso, propussemos – com intenção – que ele, levando em conta o fato de grafar, às vezes, com ligeiros senões, as mensagens, fizesse, nos versos, citados, a correção.

Chico Xavier não soube, porém, corrigir... Quanto ao sentido confuso observou-nos que, em geral, os “espíritos” voltam para fazer as correções no que tenha sido mal grafado ou não tenha sido compreendido. No caso desse soneto, todavia, Augusto dos Anjos não voltara.

E ele por si não saberia desenredar aqueles versos...

O soneto referido é o seguinte:

HOMEM

*Na misteriosa solidariedade
Das células vitais que se consomem,
Vive a alma encarnada, em síntese o homem,
Educando atributos da vontade.*

*Buscando o Ser os fios da verdade
Faz-se mister de lágrimas que o domem
Mas não encontra estigmas que o tomem
Dos aguilhões da hereditariedade.*

*No tormento estiomeno, profundo
Vivem todos os seres sobre o mundo
Desalentados, frágeis e famintos...*

*Vives querendo a luz ignorada
E ouves somente, oh! alma encarcerada,
A triste orquestraçāo dos teus instintos.*

12

CHICO XAVIER NARRA AO ENVIADO DO GLOBO AS SENSAÇÕES DA SUA INTIMIDADE COM OS ESPÍRITOS – O QUE SE CHAMA “CAIR DAS NUVENS” – UM TORPOR QUE DEGENERA EM SOFRIMENTO – MÚSICA! – MORTOS PARECENDO VIVOS...

“Meu Brasil querido” – ainda escreve Casemiro de Abreu

PEDRO LEOPOLDO, 11 (Especial para O GLOBO, por Clementino de Alencar) – Não faz de certo ainda meia hora que Chico Xavier nos deixou. Ele nos viera trazer, gentileza sua, todo o arquivo de produções psicografadas que põe bojudas sua pobre pasta de papelão. Essa gentileza, entretanto, veio como um remate inesperado ao fim de série relutância. Ele não queria – e assumia um grande ar de sinceridade ao no-lo dizer, à tarde – continuar a aparecer no noticiário dos jornais. Perturbava-o, assombrava-o mesmo esse clarão repentino de publicidade. Por que, era então sua indagação inquieta, procurar iluminar, assim, de chofre, a sua obscuridade pobre mas que lhe resultava grata, como a melhor conquista de suas renúncias a bens terrenos?...

Àquela hora, não conseguíramos demovê-lo de todo. Deixando-o, porém, ao fim da palestra rápida, no balcão do seu destino, o balcão do Zé Felizardo, deixamos também, no chão sincero de suas resistências, uma semente de meditação. A semente feliz germinou, rápida, como no milagre oriental, e não tardou que vicejasse na fronde bonita da reconsideração. Poucas horas depois, à noite, conforme pedíramos, ele nos trouxe o arquivo de suas estranhas mensagens, naquela mesma pasta pobre que manuseáramos já. E assim fazendo, reconsiderava: que se dispunha ainda, por algum tempo, a encarar os clarões e arrostar os percalços da publicidade para que